



FETO 2018 - Leitura de cena

Espectáculo: "O trabalho que (não) é sonho, com o Pé de Cabra Coletivo, RJ

Kil Abreu

O primeiro espetáculo criado por artistas oriundos de Escola de teatro desta edição do FETO reflete a já presente melancolia que uma parte de nós experimenta nesta semana pré segundo turno da eleição presidencial brasileira. A montagem não tematiza em nenhum momento os lances da conjuntura que vivemos neste momento, mas o bode já está lá, bem sentado no sofá da sala. E com ele vêm tanto as qualidades críticas do trabalho quanto o fundo sentimento de prostração diante do real, que é coisa perigosa por princípio. Tudo o que se intui e se inventa cenicamente parece seguir colado a este sentimento do qual a encenação parte e para onde, ao fim, retorna.

Vindo do curso de teatro da UFRJ o Pé de Cabra Coletivo experimenta aqui, no seu segundo espetáculo, as articulações entre estética e política visitando esta relação com um dedicado olhar sobre o espaço das pessoas de teatro, sobretudo dxs jovens artistas de teatro que eles e elas mesmxs são, no mundo da mercadoria. De uma cena inicial em que um Bob Esponja de shopping anuncia o ofício negociado pela sobrevivência, à cena final, também vazada por alguma melancolia, o "não" colocado entre parênteses no meio do título, dizendo que a profissão dos sonhos não é sonho, parece reafirmar-se a cada momento da dramaturgia. A narrativa é tecida com referências ao caos, ao desamor que intoxica a vida nas grandes cidades, notícias do momento, tentativas falhadas de montar uma peça, homenagens a artistas do passado, depoimentos salvo engano íntimos e uma série de fragmentos poéticos. A maior parte das situações e quadros têm como ponto de chegada a ilustração do difícil movimento dos artistas em um mundo que parece injusto por princípio. Esta é a chave crítica e política com a qual o trabalho pede para ser aberto.

O espetáculo avança amparado em muitas ideias, muitas demandas justas, muitos discursos em torno delas, dos quais é difícil discordar. Mas, paradoxalmente, quase não há dialética. A impressão que a gente tem é a de que o grupo identifica a negatividade como instrumento crítico, mas não identifica as raízes do objeto que critica, o que fundamenta o problema. E não reconhecendo, não intuindo que o que leva à queixa é um estado de coisas - relações de poder - maior que a própria queixa, eles e elas nos entregam, mesmo sob ponto de vista bem afirmado, o difuso sentimento de insatisfação diante da vida no mundo do capital. Para uma cena política tradicional como parece ser a do Coletivo, não deveria bastar. No limite não seria exagero dizermos e nos perguntarmos: ok, na boca dentada do capitalismo predatório a vida é dura para os artistas também. Mas e aí? O espetáculo existe apenas para constatar isso, como em um justo lamento? Onde estariam as atitudes de intervenção propriamente ditas? Com que palavras e gestos se desenha, se canta a potência? Qual é o papel de uma imaginação política fresca, que se dedique não só a descrever as impossibilidades, mas a criar zonas poéticas de desordem, a inventar o

que não está dado? O que isto significa ou pode vir a significar na trajetória recém iniciada de um jovem grupo de teatro brasileiro munido das mais bonitas intenções de uso do ofício?

Supondo que este problema de fundo faça algum sentido, ele se desdobra sobre a forma da representação propriamente dita. A cena dos cariocas é austera, em geral de marcas retas, planos bem definidos, o que tem a ver também com um pensamento regido pela razão. Há bastante informação sobre como as coisas são ou como deveriam ser. Mas nem sempre o verbo encontra soluções teatrais que o comportem como símbolo poético, ainda que se fale bastante em nome da poesia. Essa preocupação em dizer o que precisa ser dito, antes de ouvir se o que se diz tem amparo teatral, deixa as cenas com muitos, muitos pontos mortos - aqueles momentos/passagens em que mesmo que o que sai da boca do ator seja importante, se não estiver cenicamente sustentado não nos ganha, não chama o nosso interesse.

Nesse sentido talvez não seja demais imaginar que o Coletivo terá muito tempo, todo o tempo, para colocar não o plano de pensamento, mas a forma de expressá-lo, à prova do palco. E ouvir atentamente o que o palco tem a dizer. Talvez o teatro responda pedindo mais rigor. Não nas marcas, que já são bem rigorosas e enfim nem somos alemães, mas à parte mais delicada do funcionamento da cena, e mais difícil de testar, a que tem a ver com a empatia do outro pelo que se representa. Uma boa pergunta talvez seja: onde está em cena aquilo que não sou eu? Ou onde está o outro, no meu discurso? Ou senão isto, algo que dimensione de forma viva estas presenças além de nós, tão caras à política e ao teatro político. Isso não significa abrir mão da subjetividade. Que é, aliás, uma das coisas mais bacanas neste trabalho, o que talvez diferencie a Pé de Cabra de outras companhias ou possíveis modelos que possam ter como referência. Como diz o Jean-Pierre Sarrazac, os teatros do eu podem ser perfeitamente os teatros do mundo. Bom trabalho e merda ao Coletivo na sequência deste bonito alvorecer. Contamos com vocês, com a potência crítica e também com a alegria dos jovens artistas no nada alentador futuro próximo que se anuncia.